



A INTERSECCIONALIDADE E A CONSTITUIÇÃO DE EPISTEMOLOGIAS NEGRAS QUE FOMENTAM ATOS EDUCATIVOS

Rian Batista dos Santos Ribeiro¹

RESUMO: A presente pesquisa se debruça sobre a interseccionalidade e a constituição de epistemologias negras que fomentam atos educativos. Dessa forma, temos o objetivo de conceituar o termo interseccionalidade, pontar a importância deste conceito para o feminismo negro e a constituição de epistemologias negras que fomentam atos educativos, e por fim destacar práticas educativas que se articule com esse conceito na busca de uma educação antirracista e feminista. A metodologia adotada é de cunho qualitativo bibliográfico em autores como Audre Lorde (2019), Bell Hooks (2003), Patricia Hill Collins (2017), Sueli Carneiro (2003), Sartre (1994, 1997), Crenshaw (2002). O conceito de Interseccionalidade está baseado no conjunto de marcadores sociais que uma única pessoa ou grupo de indivíduos podem carregar de uma só vez por meio da sua existência e do seu agir crítico (Crenshaw, 2002). A interseccionalidade é um termo de origem do movimento de feminismo negro nos Estados Unidos na década de 1970. Por outro lado a importância deste movimento para o desenvolvimento dessa ferramenta como um recurso para se ampliar a perspectiva sobre a opressão vinda de diferentes direções, mesmo sem haver uma hierarquia sobre esses tipos de opressão, sendo todas negativas a quem são impostas. Observando-se a história do feminismo negro, pode-se apontar outro termo que também se liga diretamente ao termo de interseccionalidade, que são os marcadores sociais, como dito anteriormente, tão presentes as mulheres negras. Os marcadores sociais são todos os aspectos que caracterizam um grupo social, na maioria das vezes marginalizados, como exemplos podemos citar a etnia, identidade de gênero, localização habitacional, sexualidade etc (Crenshaw, 2002). A ideia de marcadores sociais consolida o fato de que não somos sujeitos únicos afastados das experiências e dos lugares de falar que todos levam nas suas vivências, sendo assim somos transcendentais (Sartre, 1994, 1997). Uma luta social desenvolvida por um desses marcadores, não anula outra luta social, por isso mulheres negras não poderiam ser feministas sem ser anti racistas., visto isso desde de sempre a população feminina negra lutou por igualdade e dignidade de existência, apontando desde de sempre que são protagonistas de suas narrativas, além de sua múltipla dimensão como pessoas marcadas por fatores históricos, culturais e sociais (Lorde, 2019, Collins, 2017). Em consequência, podemos citar diferentes atividades que expressam esta auto afirmação negra e estimular o respeito a diferenças etno-raciais como o uso de literaturas que exaltam as características físicas e culturais negras. Outra atividade escolar de extrema importância para a fomentação de atitudes e políticas antirracistas é o incentivo ao consumo de outros aspectos culturais negros, e ao vestuário e penteados de origem negra, muito além da semana de consciência negra, que muitas vezes segue os estereótipos preconceituosamente construídos. Por outro lado, vale ainda apontar o âmbito governamental, estrutural e documentais das práticas educacionais, que interferem

¹ Graduando em licenciatura em pedagogia pela Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, Ceará, Brasil. Email: Rian.batista@urca.br



diretamente na atividade na sala de aula. É evidente então a cobrança por planos de ensino que descolonizam os currículos e planos de ensino nacional. Por fim, a partir da leitura do material disponibilizado e a literatura das autoras negras e feministas, torna-se essencial a criação de um local de diálogo e escuta sensível para todos, em que a diversidade seja muito mais que um plano elaborado por um grupo único de pessoas elitistas, e impostas em salas de aula em todo o Brasil, mas uma realidade crítica e que respeite as perspectivas negras sobre todas as saberes escolares.

Palavras Chaves: Interseccionalidade; Feminismo negro; Práticas pedagógicas

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, USP, pp.117-13, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. Parágrafo, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

HOOKS, Bell. **Teaching Community: A Pedagogy of Hope**. New York: Psychology Press, 2003.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego**. Lisboa: Colibri, 1994.

SARTRE, Jean- Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 14. ed. 1997.